

"Quando Ismália enlouqueceu" – Em busca do objeto perdido

KÁTIA ELIANA BAPTISTA DE NOVAES*

Ismália

Alphonsus de Guimaraens

Quando Ismália enlouqueceu,

Pôs-se na torre a sonhar...

Viu uma lua no céu,

Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,

Banhou-se toda em luar...

Queria subir ao céu,

Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,

Na torre pôs-se a cantar...

Estava perto do céu,

Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu

As asas para voar...

Queria a lua do céu,

Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu

Ruflaram de par em par...

Sua alma subiu ao céu,

Seu corpo desceu ao mar...

Foi depois da "vertigem" que "Ismália" chegou ao meu consultório.

E já chegou como se fosse uma velha conhecida, embora estivesse bastante machucada, em consequência da própria queda.

Isso já faz um ano e meio e de lá para cá Ismália pôde fazer alguns movimentos de recuperação. No entanto, cada vez que "se apercebe" do quanto está bem, volta a querer "bater as asas".

Pensei em falar de Ismália porque não conseguiria separar meu percurso analítico nos últimos tempos de nosso convívio.

Essa "quase menina" possibilitou-me refletir e buscar uma série de questões que envolviam a psicanálise e o papel do analista.

Minha experiência analítica anterior constituía-se num emaranhado de tentativas, onde a preocupação com o aspecto mais formal, "técnico", era muito evidenciada. Embora tentasse empregá-la nos atendimentos, ainda não havia descoberto a relação transferencial em sua essência, e o quanto o caminho através dela viria a tornar-se mais do que uma opção, a única forma possível na análise.

* Trabalho de encerramento do 4º ano do Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, 1994.

** Psicanalista pelo Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Ismália foi “dada” ainda no ventre de sua mãe. No entanto, após seu nascimento foi sendo passada de mão em mão (ou “de mãe em mãe”), uma série de vezes, já que “chorava muito” e “ninguém agüentava seu choro”. Finalmente foi adotada por um casal, de certa idade, que já tinha uma filha.

Depois de poucos anos, a mãe adotiva de Ismália faleceu e ela ficou entregue aos cuidados da “irmã”. Não há referências à morte do pai.

Teve uma infância sofrida, lutando com dificuldade para sobreviver. Começou a trabalhar ainda muito jovem e em pouco tempo era a principal mantenedora da casa.

Sua irmã casou-se e teve dois filhos, que Ismália praticamente criou. Como o casamento fracassou, ficaram vivendo os quatro, as duas mulheres e as duas crianças, às custas principalmente do trabalho de Ismália.

Isso se modificou somente anos depois, quando Ismália se casou e foi viver com o marido, deixando essa família, embora continuasse, mesmo à distância, zelando por seu bem-estar.

No entanto, após um ano de casamento, Ismália passa a apresentar estranhos comportamentos, causando apreensão às pessoas que lhe eram mais próximas. Isso se deu mesmo no emprego, onde estava há mais de dez anos.

Antes tão responsável, passou a contrair pequenas dívidas com roupas e objetos para casa. Cuidava da própria casa com exagerado esmero, onde nada podia ser encontrado “fora do lugar”. Ocasionalmente saía e, embora acreditasse que seu passeio houvesse durado poucos minutos, permanecia horas e horas vagando pelas ruas.

Com o acirramento desses comportamentos, aos

poucos Ismália teve que interromper seu trabalho e, algum tempo depois, foi internada em meio a uma crise intensa.

Durante boa parte dos quatro meses em que permaneceu internada, Ismália não reconhecia o marido nem a “madrinha” (como refere-se à irmã), ou mesmo os sobrinhos.

Permaneceu encapsulada num mundo ao qual não se podia ter acesso e do qual ela não parecia disposta a voltar.

Alheia a tudo e a todos, não conseguia dar um significado humano à sua existência.

Algum tempo depois, conforme foi podendo sair desse estado, nenhuma lembrança (a princípio) deste período pôde ser mantida. Era como se tivesse havido um tempo em sua vida em que ela simplesmente não existira.

Ao sair da internação sentiu-se necessitada de ter uma Existência, como se isso nunca de fato tivesse ocorrido.

Agarra-se então à análise como sendo esta a única possibilidade de realizar seu intento.

Logo de início chamava atenção o quanto Ismália lutava por SER. À medida que o trabalho avançava, cada vez mais essa parecia ser uma questão fundamental para ela.

Extremamente fragmentada de início, Ismália dava a impressão de alguém que, conforme ia andando, ia “deixando cair” partes do próprio Eu, até ficar com muito pouco. No entanto, sempre recuperava os “objetos perdidos” e seguia seu caminho.

Apenas um objeto não podia ser recapturado: o ter sido deixada pela mãe biológica. Isto, mais do que

mágoa, deixou marcas profundas e insuperadas em Ismália. Tão profundas que “de nada adiantou” ter sido cuidada e criada por uma nova mãe, que também lhe proveu de afeto. Isso nunca contou. Apenas o que foi (e continua sendo) percebido como um abandono tão primitivo é que conta.

Logo no início de sua análise, Ismália já conduzia a analista a pensar sobre o lugar que lhe estaria destinado em seu mundo interno. Que tipo de objeto seria esse?

Isso levou inevitavelmente a recuperar, através da relação que era construída, os movimentos que envolviam suas relações objetais desde o início.

A sugestão de que não houve qualquer possibilidade de vinculação da mãe com seu bebê leva a imaginar esse bebê com uma vivência de abandono extremamente precoce. Já através do nascimento marcou-se uma primeira fonte externa de ansiedade: “a dor e o desconforto sofridos, assim como a perda do estado intra-uterino, provavelmente foram sentidos como agressão de forças hostis” (perseguição).¹

O abandono permite a inferência de que o contato com a mãe através da amamentação, dos cuidados físicos e afetivos sofreu aí seu primeiro golpe. Pode-se supor o quanto tais contatos foram realizados de modo precário, já que o bebê “chorava demais e ninguém agüentava”. Passou por várias “mães” que não “a suportaram”. Isso contribuiu enormemente no acirramento das primeiras angústias.

Considerando-se que “as primeiras experiências resultantes da amamentação do bebê e da presença da mãe iniciam uma relação objetal com ela, conforme postula Melanie Klein em “Algumas conclu-

sões teóricas sobre a vida emocional do bebê”, pode-se inferir que tipo de relação objetal pôde Ismália estabelecer: uma relação com o objeto ausente, aquele que abandona. Considerando-se ainda o grau de sadismo presente já nessa fase, surgiram fantasias de que seus ataques destruíram aquela mãe, solidificando-se cada vez mais a cada novo abandono (separação). Mas esse objeto não estava ausente por acaso: ele estava destruído através da fantasia de Ismália. Somando-se à culpa pelos ataques sádicos, criou-se um campo de extrema persecutoriedade, onde a mãe destruída poderia mover ações retaliatórias.

Apesar de ter até esse momento vencido as angústias da posição esquizoparanóide e conseguido atingir a posição depressiva, não é possível para Ismália tolerar a angústia de ter o objeto morto e não elaborado dentro de si – não consegue introjetar o objeto bom. Mantém então o objeto como idealizado, numa tentativa de suportar a dor e o sofrimento advindos de sua perda.

Em função disso, para poder se relacionar com um objeto bom – externo – Ismália utiliza-se de um artifício: escreve “comunicações” que entrega ao objeto-analista. Tais cartas, abundantes tanto na forma quanto na quantidade, tornam possível revelar seu amor pelo objeto sem causar qualquer dano a este.

Esta forma adotada para estabelecer uma relação com o bom objeto, é a “estratégia” que lhe permite, ao mesmo tempo, transitar entre os componentes da *organização patológica* que lhe serve de sustentação e o contato afetivo com o objeto.

Através das “comunicações” é possível manter-se vinculada a elementos que são, entre si, incompatíveis – organização patológica e internalização do

1. M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, J. Rivière, “Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê”. In *Os Progressos da Psicanálise*, Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.

objeto bom –, já que Ismália necessita de ambos.

Contudo, poder-se-ia questionar em que medida é possível fazer-se tal afirmação.

“...Existem, dentro das posições, estados mentais de qualidades muito diferentes. Na posição esquizoparanóide, o tipo de cisão” – decorrente da percepção do objeto – “pode ser considerado normal e distinto de estados de fragmentação que resultam de uma cisão desintegradora. Uma identificação projetiva violenta pode então levar a que tanto o objeto quanto a parte projetada do ego sejam estilhaçados em fragmentos mínimos, criando estados persecutórios muitas vezes com despersonalização e extrema ansiedade. Podem ocorrer tais estados quando a hostilidade predomina e, especialmente, se a inveja estimula ataques aos bons objetos. Quando isso acontece, é provável que a cisão normal entre bom e mau entre em colapso, o que leva a um estado confusional (Rosenfeld, 1950; Klein, 1957), particularmente difícil de suportar, levando a uma cisão desintegradora (...). O colapso da cisão normal pode tornar o paciente vulnerável à influência de uma *organização patológica* que oferece uma espécie de pseudo-estrutura para ajudar a lidar com o confuso e caótico estado mental (Meltzer, 1968)”.²

“O objetivo da organização parece ser a manutenção do *status quo*, ou seja, uma situação na qual persistem relações de objeto narcísicas e em que a identificação projetiva leva a que *self* e objeto sejam confundidos.

(...)

Isto significa que a fase seguinte da posição depressiva, em que se tem que renunciar ao objeto e fazer o luto por ele, não tem seu prosseguimento, e o

paciente fica encalhado com objetos concretamente internalizados, cada qual contendo partes do *self* que não pode deixar livres para que partam. Fazê-lo envolveria não apenas encarar a perda do objeto, mas também a perda do *self* que está nele contido. O luto, que normalmente permitiria a separação gradual entre *self* e objeto não prossegue, e daí não decorrem as vantagens conseqüentes, tais como o enriquecimento do ego derivado do retorno das projeções e, especialmente, a capacidade resultante de pensar simbolicamente.”³

Este torna-se então mais um ponto crítico para Ismália que, por não conseguir encarar essa experiência, mobiliza uma organização patológica para lidar com o conflito.

“Em fantasia, a organização pode se representar de modos variados, de forma mais vívida como uma gangue ou máfia, da maneira descrita por Rosenfeld (1971). Ele mostrou como a cisão e a identificação projetiva levam à não-aceitação como próprias de partes destrutivas do *self* e de objetos internos destrutivos, que são distribuídos pelos membros da gangue. O grupo é idealizado e a coesão do sistema defensivo é representada pela coesão da gangue, que depende de métodos perversos para assegurar dependência e lealdade. A gangue ou seu líder irá persuadir, seduzir e, se necessário, ameaçar para obter a obediência de seus membros, incluindo o paciente, que muitas vezes parece ser um membro relutante mas fraco demais para escapar”.⁴

Por seu caráter defensivo, a organização patológica propicia “uma espécie de pseudo-integração, sob o domínio de estruturas narcísicas (...) que pode dar a ilusão de proporcionar um grau de estruturação e estabilidade para o paciente e uma relativa isenção de ansiedade e dor.

2. Steiner, J. “O interjogo entre organizações patológicas e as posições esquizo-paranóide e depressiva”. In *Melanie Klein Hoje*, vol. 1. Rio de Janeiro, Imago, 1991.

3. J. Steiner, idem.

4. Idem.

Mesmo diante das dificuldades que se impõem ao manejo clínico desta situação, frequentemente é possível identificar as oscilações entre uma e outra posição, o que pode permitir localizar o encaminhamento para a posição depressiva expresso através de mudanças mínimas no processo mental do indivíduo”.⁵

Dentro dessa forma especial de organização, o objeto-analista é solicitado constantemente a manter-se conivente, sob o jugo da “máfia”. Como tal intento não é atingido, não é possível relacionar-se diretamente com o objeto-analista, já que se mantém sob vigilância constante. Isso remete diretamente à relação objetal primária, que foi tão acin-tosamente marcada pela destruição. Não é possível relacionar-se com um objeto que se destruiu e que, portanto, é potencialmente retaliador.

Ao mesmo tempo, para conseguir chegar ao objeto-analista, usa o artifício das “comunicações”, onde é possível estabelecer um contato afetivo com o objeto, sem despedaçá-lo e sem ser despedaçada por ele. Age, assim, com as cartas funcionando como uma espécie de “objeto transicional”⁶ que sirva de ponte, de elo de ligação entre Ismália e o objeto-analista.

Cria-se desta forma um espaço intermediário, que é o construído a partir da relação entre Ismália e o objeto-analista, que sobrepõe e ultrapassa os limites impostos pela “gangue”.

As cartas amorosas ficam cindidas dos momentos restantes das sessões, pois equacionam-se ao temor do abandono. Por isso, seu conteúdo não pode ser expresso verbalmente.

A relação com o objeto-analista é permeada pela ambivalência de sentimentos em função desta forma de organização psíquica.

O espaço criado pelas cartas permite ao mesmo tempo escapar do jugo da organização patológica e a criação do sonho dentro da relação analítica.

A maneira como esse sonho se desenvolve pode ser apreendida em qualquer uma das cartas de Ismália ao objeto-analista:

“Mamãe,

Você vive viajando, num país longe, lugar que também desconheço, e ainda me diz que vai fazer uma viagem ainda mais longe! Por acaso você já pensou como vai ficar esta pobre órfã? Com a sua ausência? Será que algum dia já pensou que penso muito em você? Bom, talvez até saiba. Mas tudo bem. Mas será que sabe mesmo?

Espero que antes de viajar deixe a comida do bebê no freezer, não deixe faltar o leite, enfim, os cuidados que precisa para continuar vivendo até a volta da mamãe.

Na realidade o bebê não entende nada disso, ele só grita pelas suas primeiras necessidades (como se alimentar por exemplo).

Mas um dia ele vai também crescer e assim poder entender as coisas de gente grande e daí compreender as ausências e até mesmo algumas férias que faz muito bem quando almejadas.

Perdoo-me
te amo

Alguém triste
mas alegre também.

06/11/93”

5. Idem.

6. D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

Esta “comunicação” reflete perfeitamente o espírito que envolve todas as outras. Basicamente seu conteúdo e forma mantêm-se quase inalterados ainda hoje.

Não haveria risco em afirmar que as sessões enceram-se nessas “comunicações”. Fora delas, somente em momentos muito raros, basicamente quando se desorganiza, é que é possível encontrar a “verdadeira Ismália”. Nesses momentos torna-se evidente que está foragida do controle da “máfia”. Corporalmente sua expressão modifica-se enormemente, tornando-a “quase uma estranha” aos olhos da analista. Entretanto, é nesses momentos que torna-se possível se perceber um vínculo de proximidade. No entanto, na sessão seguinte, ela rapidamente se reorganiza e surge novamente senhora de si e mais distante. Mesmo assim, não deixam de existir *insights* e auto-percepções significativos, tanto assim que muitos avanços foram conseguidos.

O efeito desses movimentos sobre o psiquismo da analista são difíceis de expressar através de palavras. É como se ambas se encontrassem num campo não-verbal poderosíssimo, que as envolve completamente. Muitas vezes o surgimento da “máfia” não é identificado pela analista a tempo de localizar uma “invasão psíquica”. Somente depois de contaminada por seus efeitos é que se torna possível recuperar um lugar distanciado.

A identificação projetiva maciça despejada sobre a analista (tanto através das cartas quanto “pessoalmente”), por diversos momentos contribuiu para a manutenção da organização, uma vez que os progressos ficavam fora de questão. Somente a partir do desmascaramento da organização e sua forma de funcionamento foi tornando-se possível “não aderir ao movimento”.

Joseph (1975) descreveu a maneira pela qual um paciente pode *usar* o analista para “fugir a um vínculo engajado com o analista, em que o paciente corre o risco de experiências penosas e de uma desestabilização de sua estrutura de personalidade.”⁷

Bion (1961), citado por Hinshelwood, em seu *Dicionário do Pensamento Kleiniano*, também tentou apreender a experiência subjetiva do analista:

“A experiência da contratransferência parece-me possuir uma qualidade inteiramente distinta, que deveria capacitar o analista a diferenciar a ocasião em que é objeto de uma identificação projetiva daquela em que não o é. O analista sente estar sendo manipulado de maneira a estar desempenhando um papel, pouco importa quão difícil de reconhecer, na fantasia de outra pessoa – ou o faria não fosse pelo que, em rememoração, só posso chamar de perda temporária de *insight*, uma sensação de experimentar sentimentos intensos e, ao mesmo tempo, a crença de que a existência destes é inteira e satisfatoriamente justificada pela situação objetiva. Do ponto de vista do analista, a experiência consiste em duas fases estreitamente relacionadas: na primeira há a sensação de que, seja o que for que se tenha feito, certamente não se deu uma interpretação correta; na segunda, existe a sensação de ser-se um tipo particular de pessoa, em uma situação emocional particular. Acredito que a capacidade de livrar-se do entorpecedor sentimento de realidade que é concomitante a este estado constitui o requisito primordial (Bion, 1961, p. 149).”

Embora muitos autores tenham tentado aproximar-se o mais possível das questões que envolvem a contratransferência, e saibamos disso, muitas vezes só nos damos conta de sua presença em pleno movimento contratransferencial durante o contato

7. R. D. Hinshelwood, *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

com o cliente.

Creio que o que torna a experiência contratransferencial com Ismália, ao mesmo tempo tão assustadora e tão especial, deve-se à minha percepção, ao nível inconsciente, da dominação da pulsão de morte como estruturante da “organização de defesas onipotentes” que se apresenta nesta paciente. Conforme Rosenfeld (1971), “...As partes destrutivas e autodestrutivas da personalidade exigem ser idealizadas e intimidam ou seduzem as partes amorosas, construtivas e mais realísticas da personalidade a essa idealização”.⁸

Ao mesmo tempo, não fosse pela intensidade com que a identificação projetiva é utilizada, talvez houvesse menos possibilidades de acesso ao seu mundo interno. Decorre daí a experiência psíquica compartilhada com Ismália de “mergulho no abismo” que a atrai tão intensamente; um mergulho que nos mobiliza, exatamente como um corpo durante uma longa queda. A questão é ser acompanhante nessa viagem, uma viagem à qual não é possível apenas observar de longe.

Existe uma questão que me inquieta: poderá vir a ser possível a Ismália introjetar um bom objeto? Conseguirá essa pessoa, apesar de toda a organização da qual se acha prisioneira e cúmplice, construir esse objeto dentro de si? Não sei se estas indagações podem ser respondidas, mas de qualquer maneira é instigante tentar pensar no quanto algo tão básico, estruturante e com fatores disposicionais tão evidenciados, possa vir a se modificar, e principalmente o papel da análise nesse contexto.

Creio que volto à questão referente ao lugar que o objeto-analista pode ocupar no mundo interno de Ismália. O andamento de nosso trabalho tem se

mostrado muito revelador sobre seu funcionamento mental em concordância com o meu, no sentido de que uma relação transferencial intensa tem sido construída ao longo do tempo. Uma relação que tem produzido frutos. Essa produção permite-me supor que elementos simbólicos têm se instaurado no psiquismo de Ismália. Resta-nos saber até que ponto tais representações podem conduzir à criação do bom objeto; aquele que possa ser amado por inteiro e que traga alívio e satisfação a alguém que se impede de usufruí-lo.

“Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura” (Rosa, Guimarães, in *Grande Sertão: Veredas*).⁹ □

Referências Bibliográficas

- BARANGER, W. *Posição e Objeto na obra de Melanie Klein*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- HINSHELWOOD, R. D. *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- KLEIN, M. et al. “Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê”. In *Os Progressos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- RODRIGUES, A. M., CASTRO, D. de A., TEIXEIRA, I. P. *Antologia da Literatura Brasileira*, vol. 1. São Paulo: Marco Editorial, 1979.
- STEINER, J. (1985). O interjogo entre organizações patológicas e as posições esquizo-paranóide e depressiva. In *Melanie Klein Hoje*, vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- WINNICOTT, D. W. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Kátia Eliana Baptista de Novaes
Rua Vergueiro, 3270
04102-031 - São Paulo - SP

8. Idem.

9. A.M. Rodrigues et al. *Antologia da Literatura Brasileira*, São Paulo, Marco Editorial, 1979.